

Devolver ao remetente¹

Tiago Bartolomeu Costa

André Guedes (Concepção e org.), *A dois, Vila Velha de Ródão, Centro de Estudos de Novas Tendências Artísticas, 2005, 92 pp.*

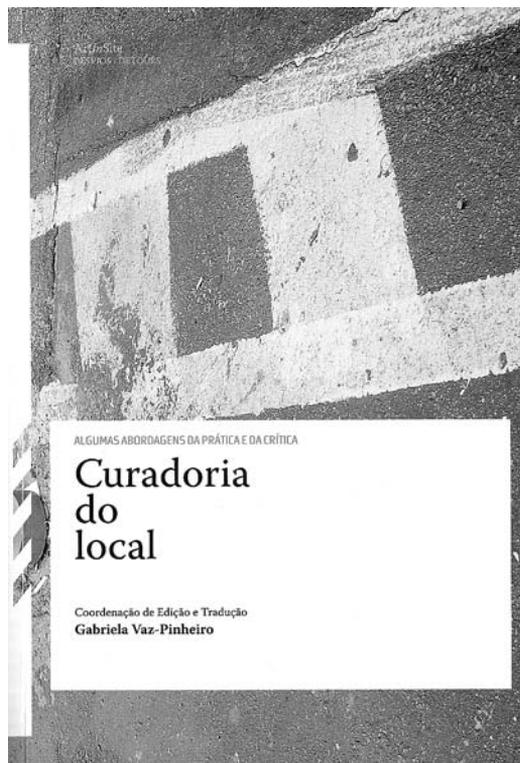
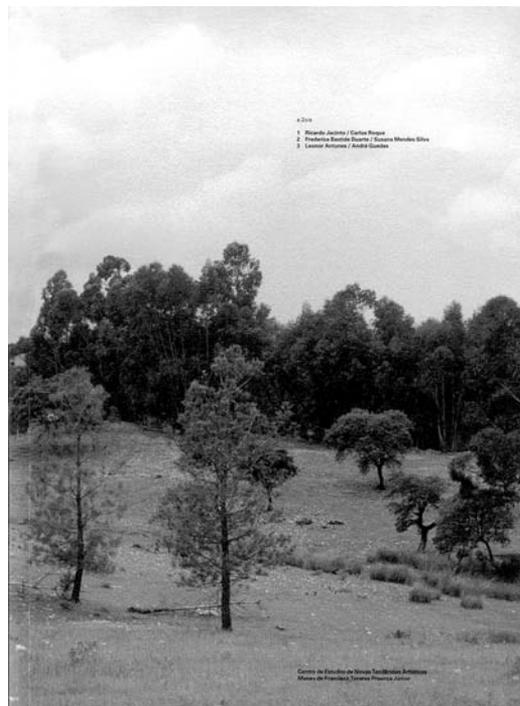
Gabriela Vaz-Pinheiro (Coord. e trad.), *Curadoria do local: Algumas abordagens da prática e da crítica, Torres Vedras, Transforma AC, 2005, 274 pp.*

Do conjunto de publicações recentes sobre o registo, fixação e reflexão em torno da criação contemporânea, sobressaem estas duas, surgidas no seio de estruturas de pesquisa e criação: o Centro de Estudos de Novas Tendências Artísticas e a Transforma Associação Cultural, exemplos creíveis, não só de efectiva descentralização cultural, mas também de espaço para o encontro com a obra artística no seu estado mais puro: a comunicação com o outro².

As duas publicações prolongam o intenso trabalho de pesquisa que têm vindo a desenvolver: um efeito de confrontação com um quotidiano (do lugar) reconhecível e o apelo a um olhar demorado sobre os objectos. E são tão mais importantes se considerarmos que a discussão surge de confrontos entre propostas, em muitos casos, desenvolvidas nos próprios espaços e em diálogo directo com os seus autores – artistas plásticos, *performers*, sociólogos, investigadores – aproximando as obras de um discurso crítico e de recepção mais distanciado, normalmente praticado em revistas universitárias temáticas.

O propósito de *A dois* – “ultrapassar um projecto de exposição” (p.15) –, combinou residências artísticas (a criação) com exposição (visibilidade), naquilo que a socióloga da cultura Vanda Gorjão, em entrevista a André Guedes, o comissário da exposição e editor do livro, refere como “dar visibilidade ao invisível” (*Ibidem*). Guedes salienta que quis “imaginar como podia inserir-se a presença de um grupo de artistas no contexto de residência daquele espaço – que é no campo, afastado de uma povoação urbana – durante um determinado tempo” (*Ibidem*). O livro, consciente da impossibilidade do registo – porque a ideia de criação *in situ* assim determina e amplia a condição efémera e “limitada” da intervenção – resgata as memórias dos processos criativos do trabalho feito por três pares de artistas visuais (Ricardo Jacinto/Carlos Roque, Frederica Bastide Duarte/Susana Mendes da Silva e Leonor Antunes/André Guedes)³.

Graça Passos, directora do CENTA, prefere falar em editorial da “catalisação de um encontro” (p.11) e num contributo para o “reconhecimento do papel fundamental da arte contemporânea para o desenvolvimento humano e social” (*Ibidem*). Na verdade é mais do que isso. É também



¹ O título desta recensão é roubado ao texto “Devolver ao remetente – a revolução do carrossel”, de Alan Read, Professor e Director do Departamento de Teatro e Estudos da *Performance* da Universidade de Surrey Roehampton (Reino Unido), incluído em *Curadoria do local* (pp. 15-33).

² Uma outra obra que permitiria um aprofundar dos diálogos que têm lugar nestes livros é o registo dos Encontros Acarte 2003, entretanto denominados *Capitals*, e reunidos em edição homónima, editada pelo Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian.

³ As residências artísticas decorreram em 2003 no CENTA e a exposição em Setembro desse ano no Museu Francisco Tavares Proença e Júnior (MFTPJ), em Castelo Branco, tendo a publicação sido lançada em Fevereiro de 2006.

uma viagem pelo percurso pessoal e criativo de cada um dos artistas, pelo modo como se envolveram com o espaço e a proposta, e como, auxiliados pela distância, são capazes de reflectir sobre o que fizeram. O livro, em edição bilingue, contém diálogos com criadores – fornecendo novas pistas para o entendimento de uma obra em aberto –, uma ampla cobertura fotográfica das obras, tanto em processo como em exposição, a contextualização do projecto e ainda o trabalho desenvolvido pelo Serviço Educativo do CENTA e do MFTPJ.

Falamos aqui de uma vontade de marcar o tempo e o lugar. O projecto desenvolvido pelos artistas amplifica o espaço do CENTA – uma imensa herdade encravada no vale de Vila Velha de Ródão que tem sido palco para as mais variadas experiências estéticas no domínio das artes contemporâneas, nomeadamente as visuais e performativas – enquanto tela viva onde se conjuga o vídeo, a instalação cenográfica, a escultura, a intervenção performativa e a noção de espaços aos quais nada se pode acrescentar. Esta ideia transforma o exercício de descoberta (a criação e a leitura do livro) numa pertinente reflexão sobre a condição de criação *site-specific*.

Estão na ordem do dia questões dependentes de uma nova forma de pensar as artes performativas. A convocação de outras ciências para o estudo da arte efémera, e a vontade de entrecruzar disciplinas, têm feito accionar mecanismos de deslocação do discurso da teoria e da crítica teatral (e o termo "teatro" existe aqui por defeito, deveria ler-se "representação") para relações com a sociologia e a antropologia. Se é relevante que assim seja – porque se assume que a dança ou o teatro não são só dança e teatro, mas disciplinas de estudo da sociedade contemporânea –, podemos incorrer na criação de termos, não só impraticáveis, como história e culturalmente inadaptados, deslocados e reflexo de ausência de memória, como seja a "transdisciplinaridade" e o "hibridismo".

Nesta ordem de ideias, *Curadoria do local* é uma proposta de discussão sobre o que está em causa quando falamos da relação entre espaço e criação. O livro é, também ele, fruto de encontros, debruçando-se "sobre os mais recentes desenvolvimentos ao nível das práticas artísticas contemporâneas que procuram estabelecer novas formas de relacionamento com as sociedades actuais, bem como sobre o pensamento que questiona a produção artística nesses contextos" (p.12). Procurando ser mais abrangente no alcance das intervenções, reúne as actas do Encontro internacional sobre a importância do local no pensamento e na arte contemporânea, que decorreu em Torres Vedras a 24 e 25 de Setembro de 2004, apresentando as participações de oito intervenientes, divididos entre a antropologia, as artes plásticas, o teatro, o cinema e a sociologia. As intervenções são acompanhadas

de documentação visual que contextualiza o discurso.

Curadoria do local, que inaugura a colecção *Desvios*, constitui-se então como oportunidade para pensar no modo como certas retóricas podem limitar o alcance dos objectos propostos. Isto porque todo este discurso sobre o contemporâneo e a sua recepção é, ele mesmo, efémero. A terminologia e o seu significado, porque usados com frequência ou limitados no seu raio de acção – anexos ao tempo e circunstâncias em que surgiram –, tendem, na evolução dos objectos que analisam, a tornar-se quase impeditivos de uma verdadeira apreciação. Parece ser essa a posição de Gabriela Vaz-Pinheiro, artista plástica e teórica, especialista em questões relacionadas com o espaço, em relação ao uso da expressão *site-specificity*. No ensaio (pp. 67-85) que dá título ao livro, apesar de reconhecer que o termo foi bastante útil nos anos 60 para a definição de objectos artísticos pensados a partir/em relação ao espaço, salienta, no entanto, que o mesmo carece hoje de nova actualização. Tanto assim é que, segundo a autora, é importante conceber permanentes variações à triade "obra de arte-observador-local". E justifica: "as funções da obra de arte têm sido constantemente reinventadas ao longo dos séculos. De religiosas a celebratórias, de produto comercial a objecto de encantamento ou contemplação, é talvez pela escolha de funções (necessária e frequentemente múltiplas) que tanto o sistema da arte como os artistas decidem atribuir à obra de arte, que novos modos de produção se desenvolvem. As diferenças de função determinam, conseqüentemente, diferenças de finalidade e resultado" (p. 72).

Reside aqui a importância fundamental destes dois objectos em forma de livro. Se por um lado abrem pistas para a fruição dos objectos artísticos, por outro criam novas relações entre artista e espectador. Importa pensar se a criação de obras de arte está ou não dependente da sua exibição/confrontação pública. André Guedes, em *A dois*, diz que "a residência vem dar visibilidade ao que permanece lateral" (p.15), enquanto Gabriela Vaz-Pinheiro afirma (*Curadoria do local*, p.117) a necessidade de separar o que cabe ao artista e o que cabe ao avaliador, posição contrariada por Patrícia Brown⁴: "Eu acho que o papel dos artistas é questionar a lógica de tudo isto" (*Ibidem*).

A procura de uma plataforma de entendimento, ambicionando através dela a constituição de um discurso sobre o fazer artístico, tem que ser pensada quer a partir do efeito que um ambiente provoca num criador (e o leva a querer intervir), quer nesse mesmo ambiente transformado após a inserção da obra e apresentação ao espectador. O mérito destes dois livros reside, por isso mesmo, na oportunidade de se constituírem enquanto ponte de diálogo entre o fazer, o pensar e o observar.

⁴ Directora executiva da Central London Partnership, que neste livro apresenta um estudo sobre a intervenção pública de artistas em zonas da cidade de Londres ("Criando lugares: O papel da arte no desenvolvimento da cidade", pp.34-59).